



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADE (IH)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

ANTONIO IAGO FREIRE DE SOUSA

**PERCURSO POETICO ENTRE MEMÓRIAS EM
“CADA FOLHA QUE NÃO ARDEU”**

**REDENÇÃO – CEARÁ
2023**

ANTONIO IAGO FREIRE DE SOUSA

PERCURSO POETICO ENTRE MEMÓRIAS EM

“CADA FOLHA QUE NÃO ARDEU”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francisca Rosália Silva Menezes (IH/UNILAB)

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francisca Rosália Silva Menezes (IH/UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Daniele Ellery Mourão (Examinadora/IH-UNILAB)

Prof^o. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante (Examinadora/IH-UNILAB)

REDENÇÃO- CE

2023

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e Ficha Técnica de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como Requisito Parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

PERCURSO POETICO ENTRE MEMÓRIAS EM

“CADA FOLHA QUE NÃO ARDEU”

ANTONIO IAGO FREIRE DE SOUSA

Data da aprovação: ____/____/____

Nota: _____

REDENÇÃO-CEARÁ

2023

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: “Cada Folha que não Ardeu”

Duração do vídeo: 13' 25"

Pesquisa, Direção, Roteiro, Figurino e Direção de Fotografia: Antonio Iago Freire de Sousa.

Edição e Produção: Antonio Iago Freire de Sousa e Kauan Ermeson da Silva Justino.

Som: Kauan Ermeson da Silva Justino.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Francisca Rosália Silva Menezes (IH/UNILAB)

RESUMO

O Processo criativo deixa vestígios que uma vez reunidos se constitui como parte indissociável da criação artística e dos possíveis resultados desse percurso. A produção audiovisual se configura, para além de um registro das memórias das trajetórias criativas, um artefato artístico em si mesmo. Essa pesquisa de trabalho de conclusão do curso (TCC) do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, intitulada *Cada Folha que não Ardeu* toma o formato de uma videoinstalação interligando pesquisa e produção audiovisual à processos criativos em tempo/espacos diferenciados, mas com interesse em apresentar uma composição artística compartilhada em espaço aberto à presença pública. A videoinstalação tem por objetivo a construção desse espaço de memória visual do grupo “The Black Dance”, expondo uma trajetória múltipla que pretende tecer e compor um imaginário visual/audiovisual que retoma e reconta a poética performativa adotada pelo grupo, que encontra na ética e na estética do Teatro do Oprimido de Augusto Boal o foco temático de suas ações/discussões. A videoinstalação, além da produção audiovisual, reúne no espaço expositivo fotografias, objetos cênicos, materiais gráficos, notas e cadernos de campo. A base teórica no campo da imagem parte dos autores Georges Didi-Huberman e Boris Kossoy. A abordagem metodológica fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica ancorada por uma abordagem qualitativa e uma pesquisa visual, com apoio em material audiovisual e fotográfico.

Palavras-chave: Videoinstalação; Fotografia; Poética do processo.

1.INTRODUÇÃO

Para início de conversa ...

“Cada Folha que Não Ardeu” (2023), surge a partir da necessidade de se compreender a imagem a partir da pergunta “o que pode revelar uma imagem?”. Um dos pontos de partida foi tentar compor a memória visual do grupo de dança e teatro The Black Dance de 2017 até 2020 reunindo os materiais que foram significativos para a história do grupo. O grupo The Black Dance nasce na escola de ensino Médio e Tempo Integral João Alves Moreira, situada no Distrito de Vazantes, município de Aracoíaba. Entretanto, ancorado em leituras sobre teatro e principalmente nos textos de BOAL, percebi que tínhamos potencial para crescer enquanto grupo.

Essa pesquisa toma corpo a partir dessa observação, análise e composição do processo criativo através das fotografias e todo o material gráfico e cênico gerado pelo grupo. Processos e caminhos que se entrelaçam com a minha trajetória pessoal enquanto estudante-artista na UNILAB/BHU. Foi possível descobrir através desse retorno e dessa reorganização das memórias visuais do grupo um potencial para novas experimentações. Há, no entanto, os enigmas de uma época, o silêncio que parte das imagens e nos atinge, nos instiga, toda imagem é um quadro do passado e sendo assim, é preciso aprender a ver, pois “Uma imagem bem olhada seria, portanto, uma imagem que soube desconcertar, depois renovar nossa linguagem, e portanto nosso pensamento.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 216) Observando as imagens percebi que existe um abismo de significados, camadas de Interpretação e que é preciso aprender a ver com o silêncio da imagem.

Durante o percurso aconteceram rupturas e permanências, mudanças e entraves que transformaram o grupo. Nesse sentido, senti necessidade de revisitar e realizar uma Cartografia dos modos de atuação, dos temas, das vestimenta, mas também dos afetos, das políticas e dos desejos. Essa breve recapitulação inicia-se com um propósito ainda não inteiramente definido, flutuante, mas que aos poucos vai desenhando algumas prováveis soluções estéticas para os enigmas do visível - álbuns, textos, anotações, desenhos - um convite silencioso, mas ao mesmo tempo inquietante para perceber as potencialidades da imagem não apenas como documento, mas como lugar de uma composição, uma teia sentidos, de informações que me conduziu a produção do audiovisual *Cada Folha que não Ardeu*.

Retorno as fotografias como parte desse material gráfico, como resultado de um processo e de uma trajetória, me encontro nelas como quem tenta retornar o êxtase de cada momento, de cada palavra ou sentimento. Fico incumbido dessa forma, em encontrar nessas imagens, múltiplas camadas de lembranças, levando sempre em consideração o caráter teórico que sempre fundamentou nossas performances, sendo a arte, esse dispositivo de formação política, pois “É o que fazia Goethe dizer: “A Arte é o meio mais seguro tanto de alienar-se do mundo como de penetrar nele”. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 208).

Conduzido por esse fio, um tanto invisível e portanto, também imprevisível, comecei a realizar algumas Videoperformance que aconteceram em espaços domésticos, mas também em contato com a natureza, são o embrião da ideia de transformar um audiovisual em videoinstalação.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), busca construir uma trajetória poética que questiona, explora e reinventa outras possibilidades cênico-visuais deixadas por essas imagens lacunares, mas também por essas experimentações que surgem do encontro com elas. “Nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 209). O que foi construído a partir desse encontro, assume o papel de resgate e permanência que desdobra esse lugar da memória coletiva do grupo, sendo que “A própria imagem é um conjunto de relações com o tempo.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 213), um recorte temporal do mundo vivido. As imagens carregam essa possibilidade de dialogar entre si e foi a partir desse diálogo verbo-visual que partimos para uma composição audiovisual narrada em primeira pessoa, com caráter autobiográfico que ritualiza os traços e os resquícios de um tempo passados através de objetos, imagens, textos que sobreviveram. Arder é passar pelo fogo e passar pelo fogo é reencontrar novas formas de sobrevivência.

Didi-Huberman parte da premissa de que imagem faz parte de um tempo anacrônico que despreza a linearidade e a horizontalidade das coisas, pertencendo/sendo, um rastro do passado capaz de no campo do sentido, “justamente por que as imagens não estão “no presente” que são capazes de tornar visíveis as relações de tempo mais complexas que incumbem a memória na história.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 213), se pode entender portanto, que o passado e presente se atravessam. Se pode dessa forma afirmar que a dispersão e o anacronismo se fazem presente como metodologia, uma vez que a todo momento tive que lidar com fotos sem data, acontecimentos que ficaram perdidos, fragmentos de textos, figurinos desfeitos e composições

imagéticas que não conseguia processar como algo real, palpável, capaz de se tornar parte de uma obra audiovisual.

O percurso investigativo aconteceu de maneira muito fluida e desconexa, uma vez que me adotei como ferramenta de composição e de reflexão a perspectiva de um tempo não linear, sem um antes e um depois completamente postos. Existindo dessa forma uma relação muito peculiar entre Poesia e Dispersão. Didi-Huberman afirma que “A poesia: dispersão que, enquanto tal, encontra sua forma” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 71), forma essa, que nasce da formaAÇÃO/OrganizAÇÃO dos materiais gráficos, das fotografias, das anotações, dos desenhos dos cadernos, da própria memória corporal, elementos dispostos, visíveis ou não completamente visíveis que vão compor a Videoinstalação.

2. JUSTIFICAATIVA/REFERENCIAL TEÓRICO

Imagem como Documento – Entre Fogo e Cinza

As imagens se configuram como um grande arsenal de opressão, desse modo ela comunica e materializa desigualdades, sentimentos, medos e ideias. Didi-Huberman (2017, P. 210) afirma que “Não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio.” Desse modo ele nos apresenta a imagem enquanto experiência artística de contemplação, o que vem depois para ele seria as cinzas.



Imagem 01 – Cena da Videoperformance “Cada Folha que não Ardeu”

Essa construção Teórica, estética e conceitual se tornou uma tarefa difícil, levando em consideração que o trabalho com a imagem exige um olhar muito atento e sensível para entender as múltiplas camadas de interpretação que a imagem pode ter. Pensar essas imagens cronologicamente configuraria uma ação quase que impossível e excludente, busca-se validar

cada fotografia a partir das memórias evocadas, sentimentos anteriores a cada apresentação, sentir “cada folha que não ardeu” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 211), desse modo, Didi-Huberman afirma que:

Contrastes, rupturas, dispersões. Mas tudo se parte para que possa justamente aparecer o espaço entre as coisas, seu fundo comum, a relação despercebida que as agrupa apesar de tudo, ainda que essa relação seja de distância, de invenção, de crueldade, de não sentido. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 72)

O trabalho se coloca à disposição da dispersão de Didi-Huberman, em construir um olhar disperso e poético dessas imagens. Desse modo pode-se Construir a memória visual, ao organizar todo esse material, mas de maneira alguma se pode excluir a perspectiva empírica do sentimento e dos afetos de cada momento.

Humanizar esse processo diz respeito ao olhar fabular da memória. No primeiro momento essas imagens não se fazem como iguais, é somente a partir da poética que se pode entender o que está além, desse modo Didi-Huberman (2017, p. 75) afirma que “Não se pode mais dizer, então, que essas imagens não tem “nada a ver”. O que é preciso ver, ao contrário, é como, no seio de tal dispersão, os gestos humanos “se olham”.

O Teatro, assim como a fotografia, é um retrato das situações cotidianas que estão imersas nos “olhares” de quem as observa. Se forem olhadas distantes, ambas as linguagens não tem nada haver uma com a outra, é nessa dispersão, que se encontra uma igualdade que se concentra no que chamamos de poética.



Imagem 02 – Cena da Videoperformance “Cada Folha que não Ardeu”

Para Didi-Huberman, “Como a poesia – ou como poesia – a montagem nos mostra que “as coisas talvez não sejam o que são [e] que depende de nós vê-las diferentemente.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 71), é nessa montagem que se constroem a formação e composição das

imagens no Audiovisual. O trabalho com imagem consiste um árduo processo e muito arriscado, levando em consideração toda uma conspeção que se tem da mesma como um objeto não científico. Parte dessa visão sobre a imagem está centrada na perspectiva Racionalista Positivista que acaba desvalidando esse tipo de conhecimento e pondo como sensível e não passível de ser considerado epistêmico. Para as ciências humanas, a imagem atende seu requisito estético e sensível, apenas. Entretanto, a imagem surge como documento, para tanto, Huberman afirmava que:

“Não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagens sem falar de cinzas. As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 210)

Didi-Huberman trás uma reflexão da imagem como dispositivo de mudança de consciência, e como esse equipamento imagético consegue desconstruir e reconstruir a concepção de mundo. Para ele, a imagem seria a Chama que se cria em nossos sentidos, e o resultado disso seria a inquietação, o que vem depois seria o Documento. Didi-Huberman se faz presente neste texto a medida que recorro a estas fotografias como documento, ou seja: Cinza

3. POÉTICAS DO PROCESSO – INÍCIO DO FIM

Parte desse processo de construção, organização, pesquisa e leitura foi construído a partir do desenvolvimento e um arduo trabalho de experimentação da imagem com potência de Interpretação do mundo. Todo o percurso da montagem desse artigo abraçou a poética e o olhar sensível como necessário ao trabalhar essas fotografias como retratos dos modos de atuação e afetos do grupo. Todo o estudo de bibliografia e observação foi acompanhado da criação de um caderno de processos. A criação desse material se configura com a materialização da ideia e da trajetória individual da pesquisa. Desse modo, organizei um ensaio fotográfico com esse caderno, para que se pudesse dessa forma trazer um olhar imagético sobre esse companheiro, que durante toda a pesquisa me ensinou a ver o mundo diferente.



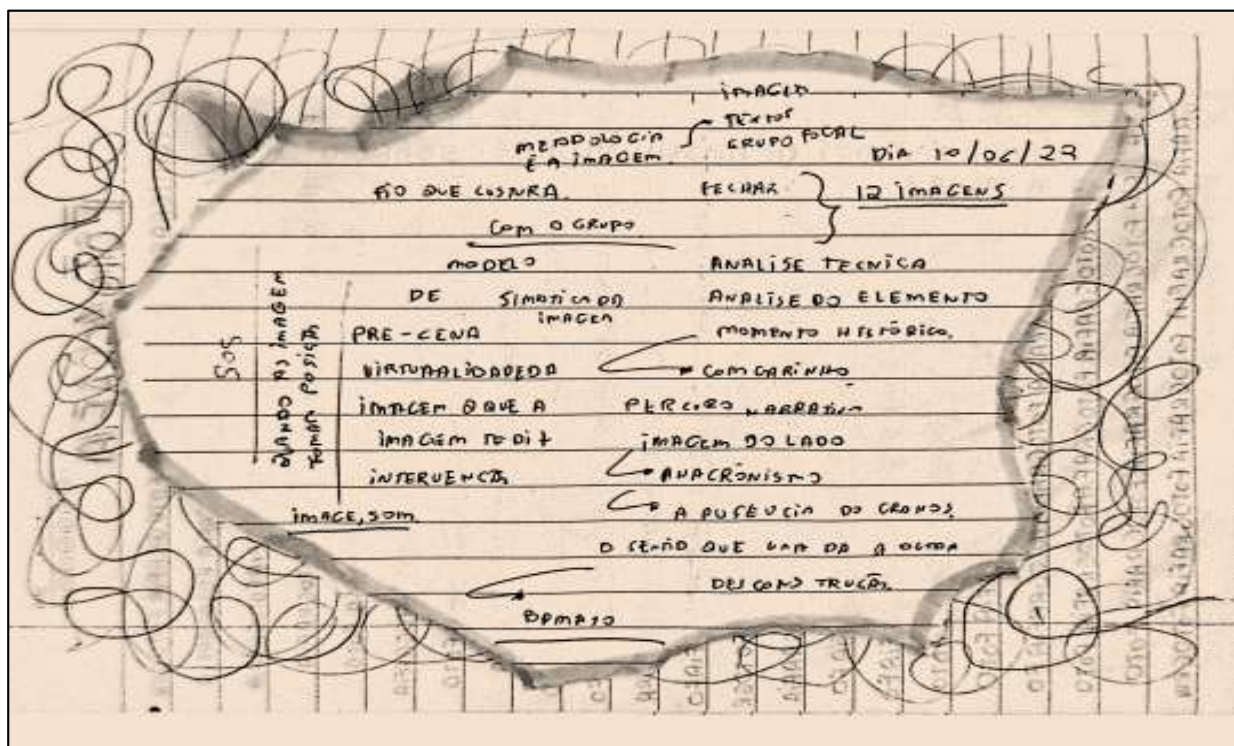


Imagem 03– Caderno de Processos

O processo de interpretação e diálogo com as imagens foi recheado de disparidades e de certa forma, em ausências e lacunas temporais que acolhia como parte desse processo, tal qual um “caos composto”. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 76) Entretanto, vale destacar, como bem afirma Boris Kossoy¹ em seu texto, sobre “Fotografia e Memória”, que, “Não existem, por princípio, interpretações “Neutras”, tal afirmação faz sentido levando em consideração o caráter político e sua visão de Mundo. Desse modo se pode entender a Imagem e seu Valor como Documento.

Parte do processo criativo e da poética adotada por mim para entender as camadas de interpretação das imagens, tem o Grupo The Black Dance como ponto de partida, em se tratando de vivências de uma grupo de teatro, as imagens vêm acompanhadas das memórias do som das palavras, os textos de cena, a fala coral aparece mesclando as imagens, agregando outros sentidos ao ato de ver. Estão presentes na Imagem, rabisco desconexos, raízes e círculos que mostram as várias ramificações interpretativas que o trabalho com a fotografia pode proporcionar. Cada imagem citada nesse tópico vem acompanhada de um texto, que se olhados

¹ Nascido em 1941, Boris Kossoy é um Historiador e um dos principais teóricos no estudo da Fotografia e da Memória. Dentre algumas de suas obras está a “Fotografia e História” (1989) e “Realidades e ficções na trama Fotográfica” (1999).

como iguais, podem construir uma poética que é Verbo-visual e Sensível. Parte dessa escrita se baseia na fala de Augusto Boal, quando o mesmo afirma em seu livro que:

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de Rebelião a ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: Necessário é ser Artista. (BOAL, Augusto, 2009, P. 19)

Para tanto, Boal tece uma linha de observação que problematiza esse meios comunicativos como grande divulgador de todos os tipos de opressões, mas se usados pelos Oprimidos, podem configurar uma arte totalmente emancipatória e libertária. Na Imagem 05, pode-se observar outras composições poéticas que surgiram durante o percurso de pesquisa/experimentação, sendo o caderno, corpo e tecido parte metafórica da caminhada. O caderno representa a materialização da ideia, o corpo é a extensão do meu pensamento, o tecido representa a caminhada por ser fluido e moldável, para tanto, se pode construir um paralelo entre o imaginário poético que essa imagens podem comportar, e seu valor documental como ciência. Desse modo, Novaes afirma que:



Imagem 04 – “Composição”

A imagem, assim, aponta para estes textos, podendo ser lida, ela própria, como um texto. Apesar de as imagens Fílmica, fotográfica e videográfica estarem impregnadas de resíduos do real, elas não são uma extensão da realidade, mas sim uma criação interpretativa que é fruto de um imaginário social, e que, ao mesmo tempo, engendra outros, que podem até mesmo virem a se transformar em realidade. (NOVAES, Sylvania, 1996. P. 05)

Abaixo estão os poemas verbo-visuais que foram construídos a partir do processo de experimentação. Linhas Tortas, Círculos e um autorretrato compõe a imagem e demonstram o valor de materialização e comunicação da fotografia. Se pode dessa forma compreender o valor

do trabalho documental como necessário em combater a produção cientificista que exclui o sensível como real, desse modo, a imagem é permeância, continuidade, essa caminhada se faz da Memória visual ao imaginário poético, sendo um percurso entre as fotografias cênicos-performativos do grupo The Black dance.

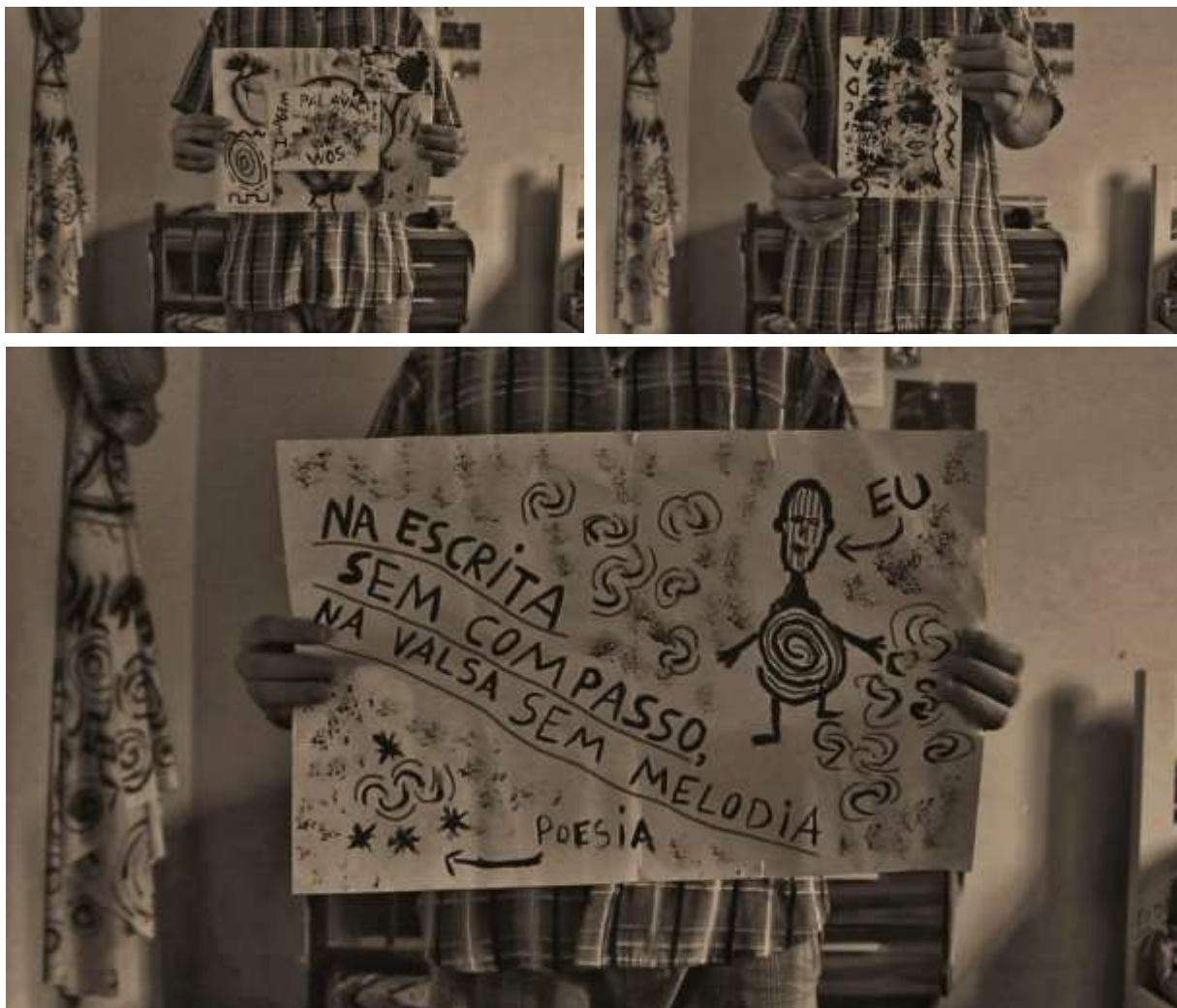


Imagem 05– Poéticas Visuais do Processo

4. “CADA FOLHA QUE NÃO ARDEU”

Todo o processo de criação da Videoperformance nasceu do estudo e da experimentação do olhar como potência de interpretação do mundo, que desagua desse modo, na Videoinstalação e neste Relatório, que por si só é um percurso Investigativo. O audiovisual não é parte do trabalho, é o todo, sendo a concretização da imagem como tal.

A criação de Roteiro, figurino e Escolha de Locação foi pensado e estudado a mais ou menos um ano, pois até então os percursos de trabalho de conclusão de curso estavam norteados

na construção de um Artigo Científico, foi somente com a inquietação e com a tomada de consciência, que a chama da Criatividade fez nascer a Videoperformance “cada folha que não ardeu”. A videoperformance faz parte da Videoinstalação de mesmo nome. Ambos tendo George Didi-Huberman, Boris Kossoy e Augusto Boal como seus autores. Os autores supracitados entrelaçam teatro, fotografia e documento como parte significativa da imagem, e parte integrante da trajetória Artística do Grupo The Black Dance.

O processo de elaboração do Audiovisual, começou primeiramente com a criação do Primeiro Figurino usado. Ilustrado na Figura abaixo. Muito antes de se pensar em roteiro ou locação, já se tinha a ideia estética desta vestimenta. Foi usado tinta vermelha e preta, foram mais de 2 dias de trabalho. A indumentária vem com os escritos: PALAVRA, SOM E IMAGEM, pois traz à tona o poder que esses canais podem ter. A segunda roupa usada também foi pensada muito antes de se ter um Pré-roteiro. Ambas as roupas levam em consideração o tipo de espaço e tempo que elas estão inseridas.

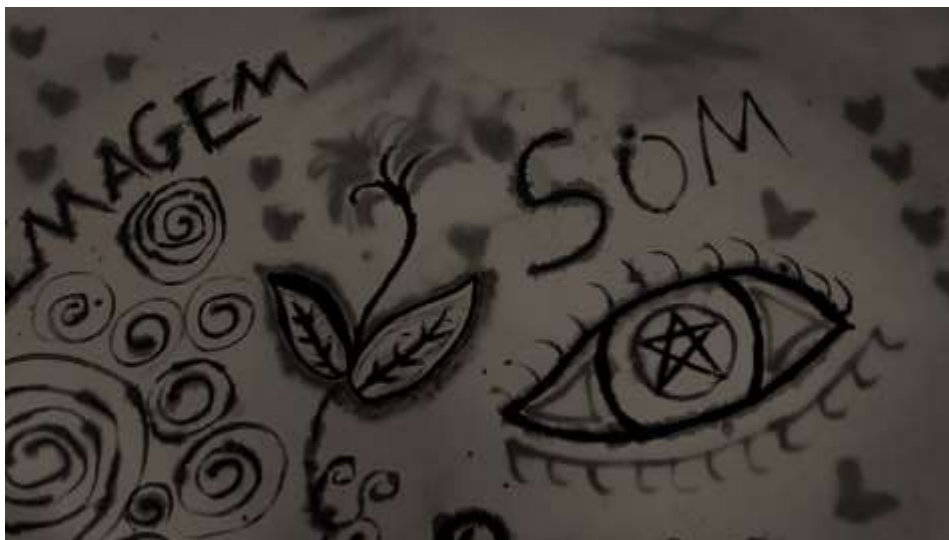


Imagem 06 – Figurino Usado na Videoperformance

As escolhas Visuais Levaram em Consideração as Referências Estéticas de Aline Motta em sua Videoinstalação, “Pontes Sobre o Abismo”, onde a mesma soma Fotografia, Território e trajetória como parte significativa de sua Obra. Todo o Processo de Elaboração do Audiovisual foi feita a partir da Organização do Roteiro, logo em seguida se foi pensado na Locação, adereços Cênicos que iriam compor as Cenas performáticas e a Escolha do tipo de Equipamento que seria usado para a Gravação. Foram duas Diárias de Gravação, divididas em cenas que seriam gravadas em casa, no quarto, Varanda e no Rio, em sua Margem. As escolhas Teóricas, conceituais e Estéticas, levam em consideração o percurso Artístico que tem a Poética como

Narrativa, podendo dessa forma entender a Multiplicidade de formas de Materializar a Ideia a partir da sua Composição.

5. AINDA NÃO É O FIM

O processo de construção dessa Videoperformance foi muito prazeroso, levando em consideração que consegui alcançar meu objetivo central, ou pelo menos tentei. O foco do trabalho sempre foi o grupo, mas não tem como falar do The Black dance, sem falar também da minha própria trajetória artística e poética com a imagem. Quando me debrucei nos estudos teóricos, percebi que não sabia ler a imagem, só foi a partir da alfabetização visual que pude realmente perceber as múltiplas camadas de Interpretação que a imagem pode ter. O texto científico não comportava o tanto de camadas de interpretação, foi a partir dessa inquietação que a Videoinstalação nasceu, a imagem fala por si só, ao mesmo tempo que ela também tem um silêncio. Concluo aqui, as minha consideração escritas sobre imagem, tentei desse modo desmistificar a Cortina de Fumaça que existe, em crer que imagem é apenas um objeto de contemplação. A Memória não é pra sempre, mas todo sentimento evocado a partir da fotografia, esse, dura uma eternidade.

6. FOTOGRAFIAS DO PROCESSO



Imagem 07 – Processo de Criação de Maquiagem



Imagem 08 – Leitura do Roteiro



Imagem 09– Montagem do Cenário – Cena sobre o Augusto Boal



Imagem 10 – Cena Inicial na Antiga Estação, hoje Paço Municipal de Acarape



Imagem 11 – Cena do Teatro



Imagem 12 – Cena do Fogo – Margem do Rio Acarape



**Imagem 13 – Videoinstalação Realizada no Dia da Defesa do Trabalho de Conclusão –
Centro Cultural Carolina Maria de Jesus**



**Imagem 14 - Videoinstalação Realizada no Dia da Defesa do Trabalho de Conclusão –
Centro Cultural Carolina Maria de Jesus – Plano Detalhe**



Videoinstalação Realizada no Dia da Defesa do Trabalho de Conclusão – Centro Cultural Carolina Maria de Jesus



Videoinstalação Realizada no Dia da Defesa do Trabalho de Conclusão – Centro Cultural Carolina Maria de Jesus – Plano Aberto

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tocam o real*. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. 1.].

DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tomam posição – O olho da história, I.* (tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão) Minas Gerais: UFMG, 1ª ed., 2017.

BOAL, Augusto, 1931-2009. *A estética do oprimido / Augusto Boal.* -. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *O uso da imagem na antropologia. O fotográfico.* Tradução. São Paulo: Hucitec, 1998. . . Acesso em: 27 jan. 2023.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia.* In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico.* São Paulo: Hucitec, 1998.